

5. Conclusão

A partir desta pesquisa foi possível compreendermos o papel privilegiado da angústia na existência a partir de duas vozes. Num primeiro momento vimos que a angústia acontece para aquele que de modo abrupto perde seu foco compreensivo, ou seja, perde seus sentidos. Nesta experiência não há nenhum projeto compreensivo em virtude do qual o ser-aí pode se realizar. Restando daí apenas o espaço existencial no qual ele se constitui. Vimos que é justamente pelo sentido que o ser-aí se vincula ao mundo e que um comportamento pode ser sustentado. Por isso, quando este sentido se esvai todos os comportamentos se perdem. Visto que aquilo que se fazia não faz mais sentido continuar fazendo. O sentido para o ser-aí é exatamente aquilo que o sustenta no mundo, pois sem ele, o ser-aí é apenas um ente carente de sentido de ser, um ente indeterminado. Dessa maneira, é a partir de um campo hermenêutico de significados e sentidos sedimentados que o ser-aí vai se assentar para ser. De modo que os sentidos que o vinculam ao mundo são, na maior parte das vezes, sentidos fornecidos pelo campo histórico já existente. Isso significa que os projetos compreensivos do ser-aí são fornecidos por este horizonte impessoal cotidiano. Isso faz com que o ser-aí se relacione com as “coisas”, com as pessoas e consigo mesmo a partir de sentidos e modos de ser sedimentados pela cotidianidade. Tais modos funcionam como normas impessoais que governam e regulam cada comportamento do ser-aí, mas que, ao mesmo tempo, garantem certa previsibilidade, confiança e tranquilidade que este ente necessita para ser. Este campo sedimentado acaba por gerar positividade, automatismo e preconceito nos modos de ser deste ente. De modo a garantir certa previsibilidade em seus comportamentos, determinando, fechando e alienando o ser-aí para seus modos de ser mais próprios, para a transparência do seu campo existencial e para a possibilidade de assumir uma relação mais livre e responsável com as “coisas”, com os outros e consigo mesmo. Nesse sentido, esse abatimento da angústia como primeira voz torna-se fundamental como uma desconstrução necessária para a quebra deste positivismo – automatismo - impessoal no qual estamos imersos e cegos para nós mesmos, para nosso caráter de indeterminação e poder-ser originários. Este acontecimento abre de imediato o espaço no qual o ser-aí se realiza, de modo que este espaço permanece aberto

como espaço. Ou seja, sem realização alguma, sem comportamentos possíveis, o que sobra é apenas o espaço de realização do poder-ser do ser-aí. O que acontece na angústia é um distanciamento do mundo, visto que nada mais vincula este ente ao seu campo existencial, restando a ele a visualização do mundo como tal. A partir desta abertura ao espaço de acontecimento do seu ser, a nudez desvelada de seu poder-ser, o que lhe resta é a possibilidade de uma apropriação de seus modos existenciais mais próprios, a singularização. Devemos salientar novamente que o que se revela a partir da quebra da angústia é o campo de possibilidade de modo que tal transformação singular não pode nunca ser uma garantia a ser alcançada, mas apenas uma possibilidade.

Esse distanciamento que acontece na angústia fala da impossibilidade de vinculação do ser-aí com o mundo que se dá a partir da relação junto aos entes. Na angústia nenhum ente vem ao encontro visto que a perda de sentido retirou-lhe imediatamente o que sustentava seus comportamentos no mundo. Tal perda revela o poder-ser como abertura espacial, como aquilo que não se realizou como projeto compreensivo junto ao mundo. A angústia empurra o ser-aí para uma ausência total de sentido, desvelando o caráter mais originário do ser-aí, ou seja, seu caráter de indeterminação. Esta indeterminação aponta justamente para a necessidade de se determinar, visto que nela nada acontece. Nesse sentido, a angústia retrai o ser-aí diante do mundo, mas ao mesmo tempo, mostra a ele a necessidade de se determinar para ser. Ou seja, seu caráter de ter de ser se apresenta como aquilo que não pode ser esquecido. Como vimos, esse movimento existencial de determinação de ser se dá, na maior parte das vezes, a partir do campo sedimentado impessoal. Isso significa que a angústia precede esse assentamento impessoal, essa decadência no mundo. E está na base de ser do ser-aí. Talvez por isso, seja possível compreendermos Kierkegaard (2010) quando ele nos descreve que a angústia é ao redor do que tudo gira e que o indivíduo se relaciona consigo mesmo como angústia. Podemos pensar, então, que o ser-aí se relaciona consigo mesmo como angústia, visto que ela aponta justamente para o movimento existencial no qual o ser-aí se constitui, ou seja, ela está no cerne de toda determinação de ser do ser-aí, ela revela justamente a indeterminação deste ente como aquele que para ser precisa de mundo como ser-no-mundo.

Torna-se necessário ressaltarmos que a angústia como tonalidade afetiva fundamental, não pode ser forçada. Ela acontece de modo abrupto e total, abrindo

o ser-aí para o ente em sua totalidade. Isso significa que uma tonalidade afetiva cotidiana como a tristeza abre o ente a partir de um como triste, onde tudo que se mostra, todos os entes que vêm ao encontro se mostram a partir dela. A absorção do ser-aí no mundo se dá a partir de uma tonalidade afetiva, tal como a tristeza, e não há nenhuma garantia de que se possa estrategicamente retirá-lo ou colocá-lo nela, como bem entender. A disposição é um modo de abertura de mundo que se encontra no cerne de uma relação co-originária, ou seja, ela é a instância responsável pelo modo como o ser-aí se espraia no mundo. Isto é, por ser marcado por indeterminação, ele precisa desta estrutura para acomodá-lo no tom da atmosfera do mundo. Dessa forma, nem mesmo a angústia pode ser forçada, ela acontece e toma o ser-aí de modo total, justamente porque é a maneira como o ser-aí é absorvido no mundo. Esta absorção acontece de modo total, pois como vimos, mundo é correlato existencial do ser-aí. A maneira como o ser-aí se determina no mundo já é marcada de antemão por uma disposição específica. A diferença de uma tonalidade afetiva fundamental para uma imprópria acontece exatamente na abertura de mundo. De modo que na fundamental nada vem ao encontro, mantendo no ser-aí a abertura em sua totalidade, a mostração do mundo em sua mundanidade. A própria existência se mostra de maneira total. Esta totalidade aponta para uma outra instância existencial chamada cuidado. Como vimos, o cuidado acena para a unidade de ser do ser-aí, ela o engloba de maneira total a cada vez que ele é. Apesar deste ente ser sempre cuidado, na maior parte das vezes, ele se toma como descuido. Visto que no impessoal o ser-aí é a partir dos modos sedimentados de ser, se tomando como algo determinado, como ente simplesmente dado, fechado para seu caráter de abertura ao poder-ser, para sua indeterminação originária. A apreensão da totalidade da existência como cuidado se torna possível a partir da quebra deste campo sedimentado, por meio da oxigenação da angústia.

Deste modo, nos resta perguntarmos como o ser-aí apreende a totalidade requerida aqui? Ou seja, como o ser-aí assume seu caráter de cuidado? Estas questões nos remetem a morte como um existencial fundamental para a apropriação singular e própria. Pois na morte o ser-aí talvez se completaria e poderia ser apreendido de modo total. Tal assertiva nos revela que pensar a morte desta maneira é um engano, visto que o ser-aí é marcado por uma dívida originária, uma não conclusão, um ainda-não que está no cerne de sua

determinação como ter de ser. É justamente por ser este ente marcado por uma incompletude que há a necessidade de ser para completar-se. No entanto, esta completude nunca é possível, pois o ser-aí é o ente marcado por uma dívida iliquidável. Isso significa que até mesmo a morte é experimentada a partir desta dívida, de modo que o ser-aí morre ainda em dívida. Como, então, apreender a totalidade do ser-aí? Esta totalidade só pode ser apreendida como incompletude, ou seja, apreendendo a dívida do ser-aí como um caráter originário com o qual ele tem sempre que se relacionar. Esta totalidade só é apreendida como ser-para-a-morte próprio. Pois o que está em jogo nela é poder não mais ser ser-aí, é a impossibilidade de poder-ser, a impossibilidade da possibilidade do ser-aí. Nesta impossibilidade de existir o que se mostra é a própria existência como um todo. A morte é uma possibilidade iminente com a qual o ser-aí tem sempre de lidar. Ela diz respeito a uma possibilidade que não pode ser transferida a outrem, sendo, desse modo, irremissível. Tampouco pode ser superada, de modo a nunca acontecer e, nesse sentido, é insuperável. Ela é, sobretudo, certa, pois não há a possibilidade de não ocorrer, mas seu quando é indeterminado, o que revela a impossibilidade de controlar o dia e a hora de seu encontro. Dessa forma, a possibilidade da morte se mostra como a possibilidade mais própria revelando a irremissibilidade, insuperabilidade, certeza indeterminação e singularidade do próprio ser-aí como o ente que não pode se desvincular de seus modos de ser. Esta impossibilidade de desvinculação revela a própria unidade do ser-aí como cuidado desvelada na apreensão do ser-para-a-morte mais próprio. O que está em jogo nesta apreensão é justamente a retomada de cada possibilidade que o ser-aí é, de modo inteiro, ainda, que ele seja marcado por uma dívida originária. Esta possibilidade, no entanto, se encontra na maior parte das vezes velada ao ser-aí. Isto é, impessoalmente o ser-aí foge dessa possibilidade mais própria, de seu ser-para-a-morte. É somente a partir da angústia que esta possibilidade é desvelada. Na tentativa de compreender como o ser-aí poderia apreender sua totalidade foi possível percebermos que não há um caminho calculável a se seguir, mas o que está em jogo é deixar a possibilidade como possibilidade. Calculá-la seria de algum modo determiná-la, o que acabaria fazendo com que ela deixasse de ser possibilidade. E o que está em jogo nesta totalidade é justamente a apreensão do ser-aí como um ente que está sempre em dívida, como um ente que é marcado por possibilidades de ser. Para este movimento de deixar a possibilidade aberta como

possibilidade chamou-se antecipar. Nesta antecipação a possibilidade é suportada como possibilidade. Apreender o ser-para-a-morte próprio é justamente antecipar o poder-ser que se é. É suportar a possibilidade que se é, irremissível, iminente, insuperável, certa e indeterminada. A angústia mantém esta indeterminação aberta, ela se mostra como algo que está sempre aqui, e que de algum modo insiste em tudo que sou. A entrega a esta possibilidade é justamente a segunda voz da angústia e se mostra como uma prontidão do ser-aí a essa insistente indeterminação que nos é constitutiva.

Este movimento antecipativo traz a necessidade de um testemunho de tal apropriação cujo modo de ser se mostra como consciência e funciona como uma abertura compreensiva própria denominada de querer-ter-consciência que interpela o ser-aí para si mesmo. Esta interpelação acontece mediante um apelar silencioso e estranho para a escuta de si. Esta fala própria apelativa emudece a falação impessoal e coloca o ser-aí na escuta de sua própria estranheza e indeterminação originárias. O que é compreendido nessa abertura própria decidida é justamente o caráter de estar sempre em dívida do ser-aí, como fundamento nulo de um nada. Fundamento que é marcado por uma nulidade, mas que ainda sim precisa se fundamentar. Ou seja, como dívida originária o ser-aí sempre tem de ser, porém o que ele é nunca lhe conclui. Essa abertura própria decidida que interpela a estranheza própria a partir da compreensão do estar sempre em dívida só é possível a partir do movimento antecipativo do ser-para-a-morte. O que se escuta nessa compreensão própria a partir da antecipação possibilitada na quebra da angústia (primeira voz) e “suportada”⁹² na angústia (segunda voz) é justamente a voz do cuidado, a unidade e totalidade do existir.

O que acontece nessa abertura própria que chamamos de decisão, é exatamente a incapacidade de determinação das coisas, dos outros e de si mesmo da maneira impessoal que se era antes. O que se mostra é a insistente indeterminação originária perpassando toda e cada comportamento do ser-aí. Nesse sentido, aberto o ser-aí está livre, transparente para seu espaço existencial, para suas possibilidades próprias e impróprias. Ele se relaciona com estas possibilidades de modo finito, como determinações de ser que estão transpassadas

⁹² Esse suportar revelado na antecipação do ser-para-a-morte mais próprio, como uma prontidão a angustiar-se, desvela esta possibilidade como uma entrega à sua constante “espreita”, ao próprio caráter de indeterminação, dívida e finitude do ser-aí em cada escolha que ele é.

pela insistente indeterminação originária. A partir desta finitude, o ser-aí pode se relacionar inteiramente com cada possibilidade, mas nunca completamente. Ou seja, cada possibilidade é assumida de maneira total, inteira, mas não definitiva, concluída e determinada. Esta finitude desvelada aponta para o caráter situacional de cada abertura de mundo, revelando que o ser-aí não determina os lugares, as coisas, os outros, nem a si mesmo, mas cada situação abre o caráter fático conjuntural das circunstâncias. E, dessa maneira, o que é mantido na situação é a possibilidade como possibilidade. É nesse espaço a partir do qual a situação se mostra numa abertura decidida que o ser-aí pode conquistar e se responsabilizar pela possibilidade que é a sua. Dessa forma, o que está em jogo nessa propriedade é a liberdade e a responsabilidade como determinações essenciais do existir e que estão, na maior parte das vezes, veladas pelo modo cotidiano impessoal de trazer tudo de modo determinado, definido e concreto. É deixando a possibilidade como possibilidade que o ser-aí se assume como ser livre e responsável a cada vez, a cada possibilidade junto aos outros, às coisas e a si mesmo.

Desse modo, a liberdade e a responsabilidade escutadas através da voz do cuidado só se tornam possíveis a partir da quebra da angústia e da apropriação dela mesma como aquilo que insiste em cada modo de ser do ser-aí. Ou seja, como aquilo com o qual ele tem de se relacionar, pois faz parte do caráter originário de ser-no-mundo do ser-aí. Nesse sentido, a propriedade se mostra como decisão antecipadora, como um projetar-se silencioso (para seu caráter de poder-ser) pronto a angustiar-se para o ser e estar em dívida mais próprio. Para à finitude das possibilidades cujo caráter revela uma entrega a possibilidade liberada no existir.

Esta pesquisa conclui, desse modo, seu objetivo: apresentar o papel privilegiado da angústia na existência a partir da obra *Ser eempo*. Observando as duas vozes essenciais desse papel: a voz da desconstrução e a voz da entrega. Vozes estas que nos atentam à existência do ser-aí de maneira total, visto que todo e qualquer comportamento deste ente se sedimenta a partir do impessoal e se torna surdo para seu movimento existencial e para os elementos que o compõe. Nesse sentido, o que a angústia revela é justamente um espaço transformador e transparente para qualquer projeto do existir. Desvelando, assim, a possibilidade de se relacionar com o espaço existencial de maneira distinta. Dessa maneira, podemos pensá-la como um fenômeno que abre espaço para transformações

possíveis em todos os campos, sejam eles científicos, cotidianos ou da ordem da criação. Isso significa que esta investigação abre caminho para novas pesquisas, preocupadas em repensar o modo como lidamos com nosso espaço existencial, com os automatismos e preconceitos sedimentados em todos os campos do existir. Compreendendo, assim, que a angústia é um fenômeno fundamental para a transformação existencial, a liberdade e a responsabilidade na existência.